



Modo campo e modo Zen – tertúlia com José Guilherme Magnani

José Guilherme Cantor Magnani 

Professor Titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo

Email: jmagnani@usp.br

Ana Letícia de Fiori 

Professora da Universidade Federal do Acre

Email: ana.fiori@ufac.br

Silvana de Souza Nascimento 

Professora Livre Docente do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo.
Coordenadora do Coccix - Estudos (in)disciplinares de corpo e território

Email: silnasc@usp.br

Luiz Henrique de Toledo 

Professor Titular do Departamento de Ciências Sociais (UFSCar), pesquisador PQ-CNPq.
Coordenador do LELuS (Laboratório de estudos das práticas Lúdicas e sociabilidade -UFSCar-CNPq)

Email: kikeppgas@gmail.com

Resumo

Entrevista concedida por José Guilherme Magnani a seus ex-orientandos Luiz Henrique de Toledo, Silvana de Souza Nascimento e Ana Letícia de Fiori. O grupo conversou sobre a trajetória formativa e profissional de Magnani, antigos e atuais projetos com colegas e orientandos e sua relação com a religiosidade e o Zen.

Palavras-chave: Antropologia urbana; José Guilherme Magnani.

Field mode and Zen mode – a get together with José Guilherme Magnani

Abstract

Interview with José Guilherme Magnani, conducted by his former advisees Luiz Henrique de Toledo, Silvana de Souza Nascimento and Ana Letícia de Fiori. The group chatted about Magnani's formative and professional trajectory, former and current projects with his colleagues and advisees and his relationship with religiosity and zen.

Keywords: Urban anthropology; José Guilherme Magnani.

Introdução

Em 23 de outubro de 2024, durante o 48º Encontro da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, a Sessão Especial “José Guilherme Magnani: 40 anos no Pedaco da Antropologia” reuniu um público de diferentes gerações de alunes e orientandes na Sala da Congregação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, para uma pequena grande *Festa no Pedaco*, celebrando também o número especial da Revista Ponto Urbe dedicado ao fundador do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana.

Na mesa, Silvana de Souza Nascimento recontou um pouco da trajetória de ensino e pesquisa de Magnani, incluindo as mais de cem orientações realizadas de iniciação científica, mestrado, doutorado e supervisão de pós-doutorado; Ana Fiori retomou o mote de Marcel Mauss em *O Ensaio sobre a Dádiva*, “dar, receber e retribuir” como prática e modo de relação do LabNAU e a constituição não apenas de uma família de categorias, mas de praticantes de Antropologia Urbana; Luiz Henrique (Kike) de Toledo brincou com os pedaços presentes em canções da música popular brasileira para novos *insights* sobre a categoria “pedaço”, já analisada em seu artigo publicado no especial, e destacando o método etnográfico ensinado por Magnani como um método lúdico; Elisete Schwade revisou sua trajetória entre pesquisas com o MST-Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, os estudos sobre Nova Era no NAU e os desdobramentos em pesquisas mais recentes na UFRN-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, inspiradas pelos “experimentos etnográficos” praticados junto a Magnani e colegas de orientação; Giancarlo Machado lembrou seu início na Universidade de Unimontes (MG) com pesquisas sobre *skate* e a primeira participação no “Graduação Em Campo”, a pós-graduação na USP e o retorno a Montes Claros como docente e fundador do Núcleo Cidadino. Após as falas, Magnani – garantindo que não tinha se emocionado – agradeceu o carinho e contou mais algumas histórias de pesquisa e de vida compartilhada, invocando a noção *zen* de “originação interdependente”, pontuando como estas histórias se cruzam e são herdeiras umas das outras, transformando-se e dando frutos, tais como a “família de categorias” de sua Antropologia Urbana. E, por falar em família, também ali estava presente acompanhado de sua esposa, Ivo Cantor Magnani, irmão de José Guilherme e fraterno colaborador da Revista Ponto Urbe, revisando com esmero os artigos que publicamos a cada edição. Magnani, com a noção de originação interdependente, brincou que além do “modo campo”, de quando praticamos etnografia, há também o “modo zen”.

Após a mesa, Ana Fiori, Silvana Nascimento e Kike Toledo seguiram com Magnani para uma das lanchonetes da Unicamp, para mais uma hora de conversa com a entrevista, que se torna algo como um metacomentário ao especial publicado em 2024. Silvana e Ana haviam preparado um roteiro de questões, encaminhadas a Magnani alguns dias antes, e complementadas pelos assuntos que emergiram naquela manhã de bons encontros. Nessa entrevista, passeamos pelo “modo campo”, pelo “modo zen”, por redes de cuidado e de troca ao longo de décadas, pelos novos planos de Magnani e por alguns truques do ofício de antropologia que, como diz Magnani no título do livro a ser lançado para jovens estudantes, é uma “profissão diferente”.

A entrevista passou por uma transcrição feita por IA, operada por Felipe Gabriel Oliveira, e edição de Ana Fiori e José Guilherme Magnani.

Entrevista

ANA FIORI: Bom, na verdade a gente queria começar do começo mesmo. Como é que foi a sua formação inicial? Por que você foi fazer Ciências Sociais? Como era a questão dos estudos na sua família?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: No caso da minha família, meu pai era marceneiro, minha mãe professora primária e o convívio familiar tinha muito a ver com a questão de leituras, pois ambos tinham o hábito de ler. Os dois eram muito religiosos e o meu pai fazia as atas da Congregação Mariana, que ele redigia em detalhes. Assim, minha relação com a questão de estudos teve no início já nesse contato esse exemplo. E como acontece muito em famílias do interior do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em geral, um dos filhos é direcionado para estudar em seminário de padres- - foi o meu caso, fui para o Seminário São José em Curitiba, menino, com 10 anos de idade. Para fazer o ginásio e para fazer não o científico, mas o clássico. Lembram que havia diferença entre clássico e científico?

SILVANA NASCIMENTO: Qual era a diferença?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: A diferença é que no clássico a gente você estudava latim, grego, francês, literatura.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: As humanas.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Sim, as humanas, história; no científico era muito mais as exatas. E no seminário, evidentemente, era a parte mais de humanas. Então eu estudei, nessa fase, disciplinas mais ligadas a essa área. Então aí está, de certa maneira, o início da minha trajetória. Claro que eu não fiquei muito tempo; mas mesmo depois que saí do seminário levei comigo essa ideia das humanidades. O que eu ia seguir? Ciências Sociais... E eu resolvi fazer o vestibular, passei, foi nos anos 1966.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Eu tinha um ano. [risos]

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Minha relação com a igreja continuou, mas de forma diferente, menos devocional e mais militante: na JUC - Juventude Universitária Católica, instituição marcada por posições progressistas.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Mas isso você manifestava no seminário já?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Não, no seminário não.

ANA FIORI: Mas nessa época você ainda era católico.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Sim, católico, é verdade. No seminário também havia alguns padres mais progressistas. Mas quando eu saí minha referência foi a JUC e depois a AP - Ação Popular, essa sim, de cunho mais político, de esquerda e tal. Morei na Casa do Estudante Universitário e fui eleito diretor do Diretório Acadêmico Rocha Pombo do Paraná (DARPP), cuja atividade no meio estudantil foi o motivo de minha condenação pela Lei de Segurança Nacional da ditadura, assim, como aconteceu com quase todos os dirigentes universitários dessa época, anos 1968. A acusação, tal como constou da

sentença, foi:” incitar a animosidade entre as Forças Armadas e as classes sociais”. Poderosa, não? Então, eu fui condenado a três anos de cadeia.

SILVANA NASCIMENTO: Mas como que era o processo dessa condenação? Você recebeu uma notificação e...

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Recebi uma notificação e todo mês tinha que prestar depoimento, até chegar o dia do julgamento final. Enquanto isso, frequentava as aulas, fui orador da turma na solenidade da formatura. E o oficial que me condenou estava do meu lado, escutando o discurso. Aconselhado por meu advogado, não compareci à última audiência, pois certamente seria condenado. E aí começou a nova epopeia... Assim como a JUC, havia uma associação denominada ULAJE – União Latino-Americana de Juventudes Evangélicas que também era de uma linha progressista e que abriu contato com um pastor protestante. Com sua ajuda, atravessei a fronteira com o Uruguai, depois com a Argentina e em seguida aportei em Santiago do Chile.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Me conta, como seus pais receberam esse tipo de notícia?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Conformados... não tinham lá muita relação com política, mas aceitaram a decisão: melhor que ir para a cadeia... E eu fui sozinho, exilado, passar meus três anos no Chile no tempo do presidente socialista Salvador Allende. Como tinha conseguido me formar em Ciências Sociais na UFPR, postulei entrar na FLACSO – Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, com uma bolsa da ULAJE. Colegas brasileiros de que me lembro, Maria Hermínia Tavares de Miranda e Teodoro Buarque de Holanda; fizemos junto a FLACSO. Também estavam lá Fernando Henrique Cardoso, José Serra, que foi meu professor.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: O Serra quase morreu. Ele estava no estádio.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Meu orientador foi Emilio de Ipola, professor de sociologia, argentino, também exilado e meu tema sugerido por ele foi sobre *campesinos*, grupo que não se articulava muito bem com o socialismo; então, a ideia era fazer uma pesquisa de seus interesses de classe – muito sociológico, não é? Mas no final mudou um pouco e o título da dissertação foi “Los cuentos campesinos como productos ideológicos”. Estudar as tradições, parentesco, a religiosidade. E lá fui eu para a região de Temuco, sul do Chile, fazer a pesquisa.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Mas uma coisa engraçada. A sua formação toda nessa atmosfera marxista podia ter te levado para a ciência política, por exemplo. Mas não... Parece que você recupera para a antropologia o seu modo de vida, a sua vida, a sua família, ou a religiosidade... Quer dizer, a maneira como você chega na antropologia não passa necessariamente pela política, pela ideologia ou pela militância, né?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Eu nunca fui militante, digamos, de forma profissional, de partido político. Participava da AP, mas de uma maneira assim, não assumindo tarefas. Era uma militância mais do cotidiano, do contato com as pessoas. E quando Allende foi deposto pelo golpe militar, em 1973, os exilados, cada qual foi para um canto e eu resolvi ir para Buenos Aires: nessa época, o presidente da Argentina era Héctor Campora, progressista e recebia os exilados. Então eu fui para Buenos Aires e lá também havia uma sede da FLACSO, e como eu já tinha defendido a dissertação, fui incorporado como professor.

SILVANA NASCIMENTO: E você dava aula do quê?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: A minha linha de docência foi sobre análise de conteúdo e comunicação: no meu mestrado trabalhei com A.J. Greimas, Lévi-Strauss, Claude Brémont, Ferdinand de Saussure, Vladimir Propp – digamos, com uma perspectiva mais de análise de discurso. Não foi política, nem ainda antropologia, no sentido mais estrito do termo.

ANA FIORI: Mas você fez coleta dessas histórias em campo, não é?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Eu coligi histórias em campo, entrevistando os camponeses, escutando relatos sobre religiosidade, parentesco, festas, etcétera e tal. O texto é datado de 1972, e os relatos, objeto da análise, nunca foram publicados.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Eu tenho que lhe perguntar. Não tem interesse em publicar isso?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Será? Depois de “300 anos”? (risos)...

SILVANA NASCIMENTO: Por que não?

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Revisitar pelo menos o texto, estranhá-lo, fazer uma leitura sobre ele; uma leitura moderna sobre o tema.

SILVANA NASCIMENTO: Faz uma introdução.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Porque ele conta muito no momento da sua formação.

ANA FIORI: Foi sua primeira experiência sistemática de campo.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Você já era antropólogo e não sabia, não é?

SILVANA NASCIMENTO: Mas e lá, ainda no tempo do exílio, você ficou três anos dando aula de comunicação e depois?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Bom, no Chile eu dei também aulas na *Universidad Católica*; era também uma maneira de ganhar um pouco mais de dinheirinho. Fui sempre muito bem recebido, como todos os exilados. Era uma experiência fantástica: ver como é que se formava, vamos dizer, um país socialista. E foi nessa época que eu me casei... casei por procuração, porque minha companheira estava no Brasil, depois é que ela foi para lá.

SILVANA NASCIMENTO: O nome dela?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Ângela Maria Nardelli Rossi. Quando a gente foi para Buenos Aires, depois de um tempo, lá nos separamos. E eu fiquei até o golpe do Jorge Videla, em 1976. Eu falei “mais um golpe?” Então minha pena já estava prescrita – é o dobro dos anos de condenação, que no meu caso foram de três anos. De modos que juridicamente eu podia voltar. Mas, sabe-se lá... voltei para o Brasil com muito cuidado, porque o ambiente político ainda não era nada acolhedor... como se sabe, o regime militar perdurou até 1985.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Sem profissão, sem emprego, sem nada.

SILVANA NASCIMENTO: E por que você foi para São Paulo?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Voltei em 1977 e fui para São Paulo porque eu já tinha o mestrado e queria continuar na vida acadêmica, fazer o doutorado. Aqui fui acolhido por amigos e colegas, conhecidos meus desde Curitiba: Maria Helena Augusto e Didio Augusto Neto, Walquíria e Ruben Murilo. Quem também me recebeu foi Maria Lúcia Montes.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Recebeu você com os 6.500 gatos. [risos]

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Por influência da Maria Lúcia comecei a frequentar o ilê de candomblé da ialorixá Nandeloquê de Nanã, na Freguesia do Ó – onde os búzios me disseram que eu era de Oxóssi... – e o terreiro de Umbanda Caboclo Trovejeiro da madrinha Lourdes. Na verdade era uma vontade de entrar em contato com a “cultura” brasileira, depois de tantos anos fora... Maria Lúcia era incrível: sua segunda contribuição foi me apresentar o circo-teatro. Pois não estava mesmo querendo entrar em contato com a cultura brasileira, cultura popular? E começou a se delinear meu tema de doutorado

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Mas você não pensou antes em estudar a Umbanda?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Não, a Umbanda foi depois, ao analisar as práticas de cura que ocorriam na Umbanda e no Candomblé. Mas nesse então eu já estava cursando as aulas das professoras Eunice Durham e Ruth Cardoso: propus à Ruth, minha orientadora, esse tema; ela ficou meio assim, não é? Teatro circense não tinha lá muita relevância, todo mundo estudando movimentos sociais urbanos, políticos...

SILVANA NASCIMENTO: O movimento operário...

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Sim... quem me ajudou a resolver o impasse foi Marlize Meyer, professora no Departamento de Letras da FFLCH. Ela trabalhava com a *commedia dell'arte*, o melodrama, romance de folhetim e sugeriu fazer uma relação entre as comédias e dramas circenses com esses temas: então meu objeto de pesquisa adquiriu importância e relevância... (risos)... para um projeto que seria apresentado para bolsa na FAPESP. Aí lembrei do A.J. Greimas, Lévi Strauss, Ferdinand Saussure e os demais autores com os quais tinha trabalhado no mestrado no Chile. Ruth concordou, postulei a bolsa e o projeto de tese foi aprovado. E aí vocês conhecem a história...foi quando surgiu a ideia do *pedaço*...

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Mas veja só, a tese guarda essa tensão. Ela tem todo esse arcabouço, mas o que a define é muito mais a etnografia do que esse referencial.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Muito mais!

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Inclusive, meus interlocutores em campo me cortavam: eu dizia “Eu sou professor...” e a resposta era “O que você está fazendo aqui? Lugar do professor é na escola dando aula, não aqui conversando com a gente na hora do circo”. Uma das questões (bem ao sabor da época, na academia) era: – “As comédias e os dramas do circo são progressistas ou conservadores?”. A resposta: – “Pouco importa. O bom é que a gente vem se encontrar aqui no pedaço”. Pronto.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Eles vão dando lição de moral na bibliografia inteira, não em você, mas na bibliografia inteira.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: O tempo todo. Daí que eu saquei a ideia de que é o campo que vai abrindo, claro que não se trata de “ir a campo em condição de *tabula rasa* e eles vão me ensinar tudo”. Vai-se com uma base teórica, mas na hora ali eu estava escutando o que eles diziam. No bar, por exemplo, no fim do dia: lembra, Luiz Henrique? À pergunta se o bar é lugar de lazer – “Aqui não é lugar de lazer, mas de higiene mental. A gente sai do trabalho, passa pelo bar, joga uma sinuca, toma uma cerveja e vai para casa”. Momento intermediário entre o ambiente do trabalho e o doméstico.

SILVANA NASCIMENTO: Entre a casa e a rua.

ANA FIORI: E eles ficaram amigos seus, mas primeiro achavam que você era policial...

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Primeiro acharam que eu era policial, depois que eu era inspetor do circo, [risos] e no fim diziam “ele deve ser um repórter”. Pronto. Eles me aceitaram do jeito que queriam e consegui fazer trabalho de campo. Isso é tão legal.

SILVANA NASCIMENTO: Como que era a antropologia na época, Magnani, com a Ruth Cardoso, havia grupo de orientação?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Bom, havia as disciplinas convencionais normais: Teoria Antropológica 1, 2, Etnologia, História da Antropologia etc. Contudo, Ruth Cardoso e Eunice Durham, nos “seminários das segundas-feiras”, abriram o campo da Antropologia Urbana, para leitura e discussões com seus orientandos sobre autores que não estavam na *caixinha*: Louis Althusser, Antonio Gramsci, Manuel Castells, Michel Foucault entre outros.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Também Maria Lucia trazia essa novidade, Gramsci, para discussão na faculdade.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Nos “seminários das segundas-feiras” também figuravam os autores da Escola de Chicago – W.I Thomas, R. Park., W.F. Whyte. Desenvolvo mais esse tópico em meu livro *Da Periferia ao Centro: trajetória de pesquisa em Antropologia Urbana*. Faziam parte desse grupo Alba Zaluar, Teresa Caldeira, Antônio Arantes, Guita Grin Debert, entre outros e outras, um grupo grande. E foi aí que surgiu a ideia do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU), mais tarde, quando eu me formei, fui contratado como professor no Departamento de Antropologia da USP e comecei a orientar alunos.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: É uma onda: a etnologia que estava muito bem estabelecida, depois no começo dos anos 80 vão aparecendo esses trabalhos de Antropologia Urbana, o seu, da própria Maria Lucia...

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Foi a partir da redemocratização, de certa maneira, que a Antropologia começou a perceber a dinâmica da periferia urbana.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Havia estudos na sociologia. Até o Eder¹ tem um texto clássico, que é famoso, “a descoberta da periferia”, “os novos agentes”. Mas o jargão continuava insistentemente marxista. Então parece que eles chegam na porta da casa popular, não conseguem entrar, só dão uma olhadinha, falam “tudo bem, já entendi”, e voltam com as mesmas categorias marxistas. Vocês entraram na casa!

¹ SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: E no bar, na igreja, no terreiro, na vizinhança.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Eder entrou com as categorias e o impacto disso foi muito menor.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: E não rendeu muito. Eram as categorias clássicas da sociologia, classe, estamento social, o jargão continuava o mesmo. E a gente fez como vocês falaram hoje [na sessão especial do encontro da ANPOCS]: pega essas categorias e elas vão se transformando, não ficam estáticas. É muito legal ver como as pessoas, os alunos e vocês começaram a reinventar. Eu sempre digo: os nossos interlocutores são muito mais ativos do que nós, porque eles estão experimentando a vida! Então é um experimento. Eu gosto do termo experimentação, acho que você que falou experimentação, alguém mais falou...

ANA FIORI: Eu acho que foi o Giancarlo Machado, na sessão especial do encontro da ANPOCS.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Experimentos etnográficos.

SILVANA NASCIMENTO: E também a Elisete falou quando você foi visitar o assentamento, experimento etnográfico.

ANA FIORI: Mas demorou um pouco, quando você entrou na USP, para começar a orientar mesmo...

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Demorou um pouco, o primeiro foi o Heitor Frúgoli Jr. sobre *shopping centers*. Depois a Lilian de Lucca Torres.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: A Lilian que veio da etnologia também. Ela era aluna da Lux Vidal; de novo essas conversões. Seu tema foi o “Disk Amizade”, inacreditável. Eu acompanhei de perto, já estava ali. O Heitor, a Lilian, a Rita Amaral e o Vagner Gonçalves da Silva. Eu era o quinto.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Você era da primeira geração.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Eu sou da segunda. E eu ficava ali com eles o tempo todo. Eles faziam um projeto e eu ia lendo. A Rita, o Wagner e a Lilian abriram para mim a Caixa de Pandora. É assim que se faz pesquisa, “olha aqui essa bibliografia”.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: E a Rita com o Vagner fizeram um acolhimento comigo inacreditável. Da Rita vocês lembraram muito bem, da Ponto Urbe e do *síte*. A gente ia à casa dela, o Vagner a levava para toda parte na cadeira de rodas. Então para mim, que era de Curitiba, que não tinha família aqui, esse era o meu grupo familiar.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: É um pedaço que ficou constituído sem ser uma categoria.

ANA FIORI: É uma antropologia aplicada [risos]

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Havia uma outra colega também, a Cleide Lugarini. Vocês não lembram dela? Era uma moça que tinha problema neurológico, era católica, muito ativa, professora do colégio São Luís, colégio da elite ali na Av. Paulista. Interessante essa modalidade de família.... Leandro C. de Souza, atualmente meu orientando, em seu trabalho sobre moradores de rua mostra como eles constroem uma ideia de família com termos próprios que não seguem o padrão habitual. É como se eles inventassem na rua uma forma de família que vai contra aquela de onde eles vieram. E a primeira providência que os funcionários da prefeitura tomam quando encontram a população da rua é tentar fazer o contato com a família de origem; e é a última coisa que eles querem.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: A primeira coisa que o Estado faz é buscar a família oficial, é a última coisa que os caras querem acessar.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Mas não que eles não tenham família, porque eles inventam família. E aí a questão de gênero, de raça, fica tudo junto e misturado.

ANA FIORI: Inclusive com os cachorros.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Humanos e mais que humanos.

SILVANA NASCIMENTO: Eu tinha uma pergunta: na sua trajetória do NAU, desde as primeiras pesquisas para as de hoje, o que você vê de transformação significativa na antropologia urbana?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Muita transformação. Veja o que aconteceu com você, por exemplo. Começou com a Antropologia Urbana da cidade e, na continuação, gênero...

SILVANA NASCIMENTO: Bem, primeiro comecei na área rural e, em seguida, você que me levou para a cidade.

ANA FIORI: “A caminho da cidade”.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Eram as romarias.

SILVANA NASCIMENTO: Você falou assim: – “Olha, tem alguma coisa de urbana nessa romaria” – e realmente tinha, tanto que virou tema de relação campo-cidade.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Além de seu caso, tem o da Ana Fiori, doutorado sobre universitários indígenas no baixo Amazonas, o de Luiz Henrique, torcidas de futebol. Mas o que eu acho interessante é que a partir de um certo momento cada um tomou o seu rumo e não esqueceu as categorias. As categorias ficaram, mas o tema, o recorte, a bibliografia modificaram. Aquele menino lá, o Guilherme Fagundes, professor do DA/USP fez uma apresentação maravilhosa do manejo do fogo, as queimadas, os quilombolas e suas redes, como é que eles se comportam...

ANA FIORI: É uma antropologia da técnica, das queimadas no cerrado.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: De uma erudição incrível; ele terminou o trabalho na França. Fogo no cerrado. O que tem a ver com a metrópole de São Paulo? E ele começou a mostrar como dois grupos que aparentemente são contrários, os quilombolas põem fogo, é o fogo permitido; e outro é contra o fogo. E eles trocam.

SILVANA NASCIMENTO: Eu fiquei pensando em uma coisa que eu acho que é interessante na trajetória, de como a etnografia vai levando a todos esses temas; como eu cheguei ao gênero? Não foi porque eu era uma feminista, foi a etnografia. Depois é eu fui para a militância. Mas por meio da etnografia, não pelo movimento social.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Comigo aconteceu o mesmo: eu só entrei no samba por causa da Antropologia. Exatamente a mesma coisa. Daria para fazer um texto contando esses vários depoimentos.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Eu até ia fazer um chiste sobre o que acontece sobre os fragmentos que a gente vai juntando em campo.... chega uma hora os *erês* os ajeitam... Quando eu escrevia à máquina, colocava o papel na gaveta, os *erês* iam lá e arrumavam, já estava arrumadinho. A recorrência...

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Vocês conhecem aquele texto do Bateson que ele conversa com a filha? São 4 ou 5 textos, são perguntas que a filha de 9 anos faz. A primeira é essa: “Pai, por que as coisas se desarrumam?” É demais, vou passar para vocês. – “De repente, por que as coisas se desarrumam?”. “Calma, é assim mesmo? Vamos ver como é que é.”. E um pouco ele vai dessa direção. Claro que ele não fala dos *erês*...

SILVANA NASCIMENTO: E o que você está pesquisando no momento? Quais são os temas?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Um deles está na fila...Você falou de revisitar aquele meu mestrado e eu quero revisitar a Amazônia. A ideia é retomar todas as teses, dissertações e relatos de campo que fizemos entre 2009 e 2012, no PROCAD, com a participação da USP e da UFAM. Com exceção de dois capítulos que saíram no livro *Paisagens Ameríndias: lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia*, organizado por Marta Amoroso e Gilton M. dos Santos em 2013, e a dissertação de Ana Sertã *Seguindo sementes: circuitos e trajetos de mulheres sateré-mawé entre cidade e aldeia* (2018) – a maioria desse material permanece inédito.

Outra pesquisa, essa em andamento, é sobre cemitérios. Trata-se de um projeto com financiamento do CNPq (bolsa PQ), com a participação de cinco pesquisadores do LabNAU e um professor em Moçambique, com seus alunos. O título é “Cemitério também é cidade: uma análise antropológica dos espaços cemiteriais urbanos”. Trata-se de uma pesquisa comparativa entre cemitérios de elite e os de periferia em São Paulo com os de caráter mais de grupos familiares em Tete e Nampula, na África.

Finalmente, estou em vias de concluir uma espécie de introdução à antropologia e seu método, direcionada a jovens estudantes incluindo alunos do segundo grau, com o objetivo de orientar caminhadas etnográficas em torno de suas escolas, nos seus bairros, seus espaços de moradia e convivência. O desafio aqui é fazer um texto legível para a meninada sem abdicar do rigor necessário para não cair no senso comum. O título provisório é “Antropologia, uma profissão diferente” e a inspiração veio de uma pesquisa que fizemos com os integrantes da equipe Argonautas – Yuri [Tambucci], Mari [Hangail], [Rodrigo] Chiquetto. Após um workshop na escola, saímos com alunos e professores em torno de cada um dos CEUs para a caminhada etnográfica, munidos de celulares e cadernos de campo.

SILVANA NASCIMENTO: Só isso, não é? [risos]

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: O livro está adiantado... Mas eu não sei nada sobre cemitério, sobre essa pesquisa. Essa é uma lacuna que eu tenho, eu preciso ir atrás e ficar sabendo.: É uma espécie de reencontro com a religiosidade também, não é, Zé Guilherme?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Um desdobramento dessa pesquisa é o tema de mestrado de uma orientanda, Isabella Figueiredo: vai estudar como os alunos de medicina trabalham com os cadáveres. “Eu quero estudar como o corpo dos cadáveres é trabalhado pelos estudantes nas aulas de anatomia”. Parece *A vida de laboratório*, de Bruno Latour...

SILVANA NASCIMENTO: Claudia Fonseca faz um trabalho desse, em Porto Alegre. Mas esses campos coletivos, como foi isso na USP?

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Começaram nas caminhadas.

SILVANA NASCIMENTO: Você falou da escola. A gente tinha uma pergunta que era a relação entre pesquisa e sala de aula que eu acho que seria legal pensar.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: É o que eu estou chamando de “antropologia compartilhada”, como a pesquisa que a gente fez no SESC: foram 14 unidades; seis na capital, seis no interior, uma na Grande São Paulo e uma no litoral. O(a)s pesquisadores(a)s, sempre em dupla combinando gênero, formação, passavam o dia inteiro na unidade e, ao final da jornada, compartilhavam a experiência registrada no caderno de campo, para depois elaborar cada qual seu relato. O relatório final foi tema de um curso para funcionários e frequentadores do SESC, apresentando o trabalho de campo, a metodologia e os conceitos empregados. Não era um curso, digamos assim, sistemático e universitário, mais uma espécie

de curso de extensão. Rendeu também um capítulo no livro *Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica*, da própria editora do SESC.

SILVANA NASCIMENTO: Mas antes teve o *Corpus Christi*, que foi quando eu fiz minha primeira pesquisa de campo na USP. Em Santana de Parnaíba.

ANA FIORI: E a primeira Expedição São Paulo.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: A festa de *Corpus Christi* foi em 1984 e a “Expedição São Paulo: refazendo os antigos caminhos de São Paulo” em 1985. Faz tempo, não é? Em 2004, por ocasião do aniversário da cidade, participei da organização de outra, “Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole”. Desta você fez parte, Luiz Henrique, além de outros membros do Núcleo de Antropologia Urbana.

SILVANA NASCIMENTO: Tem vídeo, tem o livro. O legal era fazer uma nova Expedição São Paulo.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Era a época da Marta Suplicy.

ANA FIORI: Porque era a proposta do Museu da Cidade.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Foi patrocinada pelo Instituto de Políticas Públicas Florestan Fernandes, Expomus – Exposições, Museus, Projetos Culturais da Maria Ignez Mantovani e Secretaria Municipal de Cultura. Eram 40 pessoas: arquitetos, geógrafos, antropólogos, psicanalistas, etnomusicólogos, arqueólogos etc. percorrendo a cidade de ponta a ponta entre os dias 8 e 11 de janeiro de 2004. Vocês lembram disso... E agora que mais, “jovens na metrópole?”

SILVANA NASCIMENTO: Agora São Paulo e você como morador.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: “De perto de dentro”? Meu “pedaço” primeiro, entre Perdizes e Pompéia... É onde faço a minha comprinha, a Hortifruti de japoneses okinawanos. Na frente, uma clínica de *pets*; e na esquina uma loja sofisticada de roupa feminina, *Hic et Nunc*, em latim. Sabem o que quer dizer? “Aqui e agora”. Ao lado, uma dessas pequenas livrarias que estão surgindo na cidade. Também o dentista, o açaí orgânico, a casa de repouso para idosos... enfim. etc.

ANA FIORI: E agora o Chiquetto tá ali do lado.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: O Chiquetto é meu vizinho. A Mari Hangai vai morar por lá e o Yuri também, perto do estádio do Palmeiras. Esse é o meu “de perto”. Mais longe eu tenho o Tai Chi, nas imediações do metrô Sumaré, eu vou de carro e a meditação *zen* no final da avenida Pompéia; compras de produtos orgânicos, no Parque da Água Branca.

SILVANA NASCIMENTO: Todo sábado de manhã.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Que já foi objeto de estudo também, de etnografia.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Que mais que eu faço? É isso. Acho que são esses os lugares e só. Para mim a cidade é essa. De vez em quando, quando me convidam para dar uma conversa não sei onde, “nossa, como São Paulo é grande!”. Mas esse é o meu pedaço e São Paulo de certa forma é familiar para mim, cumprimento os vizinhos. E tem também senhoras bem vestidas. [risos] Quando vejo uma senhora elegante, eu falo “como a senhora está elegante”. A mulher sorri. Às vezes faço com gente jovem, mas tem que tomar cuidado.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Você vê que a abordagem não é uma coisa fácil. Uma vez estava eu e o Piero, só para contar rapidinho e ele viu um carro de que era de São Carlos. “Vou lá ver quem é”. – “Você nem conhece quem é”. Mas ele foi lá. – “Ah, você é de São Carlos, eu também sou”. A

mulher: - “Ah, o que você faz lá?”.- “Sou professor de universidade.”- “Qual o seu nome? De que família você é?”.- “Não sou de lá, sou professor” Ela “ahn”. Eu falei, - “Tá vendo, seu xarope”?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Na semana passada, a Priscila [Cevada], que é minha orientanda de doutorado, trouxe os alunos dela do Instituto Federal. Meninada de 11 a 14 anos para visitar o NAU, visitar a USP. Fizeram um piquenique na Praça do Relógio e foram lá para nossa sala. E aí eu contei as nossas pesquisas; eles já fizeram uma etnografia em torno da sua escola. Só havia um menino e 13 meninas. Foi muito bom. E aí contaram como é que fazem a pesquisa, usaram as categorias. Você imagina uma menina de 13 anos falando do circuito?

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO: Será que entre as três - sociologia, política e antropologia, esta tem mais mulheres?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Eu acho que sim.

ANA FIORI: É só ver a ABA, a ANPOCS.

SILVANA NASCIMENTO: É. RBA é mulherada.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Eu não falei para vocês da *Mystica Urbe*, que é a minha entrada no *zen*, quando eu comecei a fazer pesquisa sobre práticas neo-esotéricas, que redundou no livro com aquele título, em 1991. Comecei a visitar o circuito das casas onde se faziam práticas *New Age*. E uma delas é a Palas Athena, na Vila Mariana, referência ainda hoje dessas práticas - astrologia, yoga, florais, xamanismo urbano, wicca, búzios e um dia apareceu... uma monja do Japão, Ishin para mostrar o zen-budismo, que entrava na lista dos neo-esotéricos, ao menos para a Palas Athena. Eu, em observação participante, tinha que sentar na almofada, meditando em posição de lótus. E ela: “*Ne bougez pas, ne bougez pas*”. - Não se mexam! Aí fui capturado pelo *zen*... Olha como funcionou. Foi na bronca. Muito interessante.

SILVANA NASCIMENTO: Quando foi isso?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Em 1991 e o livro saiu em 1999. Mas em 1991 eu comecei a praticar. Fui no... Busshinji, que é o templo da comunidade budista Soto Zen, frequentado principalmente pela colônia japonesa também para seus casamentos, funerais e outros ritos. Eu frequentava o zendô, espaço para a meditação. Depois de um tempo foi trocado o responsável pelo templo pelo monge Moriyama Roshi, que abriu um espaço à parte, só para meditação..

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Ele não falava português, lógico, e um inglês muito restrito. Então, na hora que ele ia dar a palestra, ele dizia: “*Welcome, everybody. I am very glad to meet you. Sit down, please.*” Naquele sotaque... Sentava no zafu (almofada) e ali ficava. Aquilo me capturou, entendeu? O Ivo [Magnani, irmão de José Guilherme e revisor da Ponto Urbe] também foi capturado....

SILVANA NASCIMENTO: Gente, é o Ivo que está aí, é o revisor!

ANA FIORI: Sim, ele também é da comunidade do NAU.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Nos templos há muita cerimônia, tem que fazer muita reverência...

SILVANA NASCIMENTO: Mas a meditação não é uma espécie de ritual?

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Mas é um ritual em que você fica sentado e não faz nada. Tem de olhar para a parede e quanto menos pensar, melhor. Tem uns textos dizendo que o *zazen*, que é a meditação, não serve para nada! É só você ficar quieto. Uma hora todos os dias eu pratico, uma hora de manhã e uma à noite.

ANA FIORI: Isso se traduz no seu conselho sobre as baleias, que é uma das coisas que ficaram famosas.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Quando é que elas surgem? Isso é do filho do Ivo, o Mauricio, biólogo marinho, pesquisador de cetáceos. Em sua observação das baleias, em Laguna, ele percebeu que elas emergem onde e quando querem... Daí a transposição para a etnografia: o *insight*, em campo, surge quando menos se espera...

SILVANA NASCIMENTO: A gente sempre fala nas aulas, eu falo das baleias.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Em vez de ser uma coisa mal-humorada... você sabe que eu estou lendo um livro legal, que chama *l'Éloge de la fadeur*... você sabe francês?

ANA FIORI: O elogio da... da insipidez.

JOSÉ GUILHERME MAGNANI: Insipidez é meio feio. *Sensibilidade* é mais apropriado. É uma filosofia de tradição chinesa. Bom, “jovens da metrópole”, valeu a conversa?

Referências

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: significados do festejar, no "País que não é sério". 1998. Tese (Doutorado em Ciência Social (Antropologia Social)) - Universidade de São Paulo.
- AMOROSO, Marta R.; MENDES DOS SANTOS, Gilton (Org). **Paisagens Ameríndias**: Lugares, Circuitos e Modos de Vida na Amazônia. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.
- FIORI, Ana Letícia de. **Conexões da interculturalidade**: cidades, educação, política e festas entre Sateré-Mawé do Baixo Amazonas. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo.
- FRÚGOLI JR, Heitor. **Os Shoppings Centers de São Paulo e As Novas Formas de Sociabilidade No Contexto Urbano**. 1990. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo.
- JULLIEN, François. **Eloge de la fadeur**. Arles: Picquier, 1991.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco**. Cultura e lazer na cidade. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica Urbe**: Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo, Studio Nobel, 1999.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2012.
- MONTES, Maria Lucia A. **Lazer e ideologia**, a representação do social e do político na cultura popular. 1983. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- NASCIMENTO, Silvana de Souza. **A romaria do Divino Pai Eterno**: uma festa para a cidade. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo.
- SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- SERTÃ, Ana Luísa. **Seguindo Sementes**: Circuitos e Trajetos de Mulheres Saterê-Mawé Entre Cidade e Aldeia. São Paulo: Gramma / Terceiro Nome, 2018.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Candomblé Na Cidade**: Tradição e Renovação. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**: Lazer e Estilo de Vida Na Metrópole. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo.
- TORRES, Lilian de Lucca. **Disque-Amizade**: Lazer e Sociabilidade Via Embratel. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).